

Acionamentos morais e emocionais mobilizados por policiais militares em tratamento de dependência química no Hospital Central da Polícia Militar do Rio de Janeiro.¹

MARIANA OLIVEIRA DA FONTE

PPGSA/UFRJ/Rio de Janeiro

Rio de Janeiro
Outubro de 2020

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

Resumo

A presente comunicação refere-se ao meu projeto de pesquisa do doutorado submetido ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da UFRJ. Neste, busco localizar as interfaces entre a moral militar e a produção de emoções entre policiais militares em um contexto de tratamento de dependência química no Centro de Reabilitação Renascer, localizado no Hospital Central da Polícia Militar (Rio de Janeiro). O objetivo é refletir sobre a possível relação entre o *ethos policial militar*, que orienta a atividade destes profissionais, e o seu potencial para habilitá-los e/ou inibi-los a lidar com determinadas emoções. Assim, intento compreender de que maneira a condição de um policial em tratamento contraria certo *ethos* policial militar² que reforça o desempenho emocional através da inibição de emoções (como dor, sofrimento e descontrole), sucumbindo a fachadas tão temidas de onipotência e vulnerabilidade. Desta forma, o trabalho pretende lançar luz, de maneira geral, sobre as implicações morais na elaboração das emoções de determinado grupo de profissionais da segurança pública.

Palavras-chave: *ethos policial militar* – emoções – moral

² Quando me refiro ao *ethos* policial militar, estou adotando a definição de Graeff (2006) que alinha a “cultura policial” (a *cop culture* da literatura internacional) às dimensões específicas da emocionalidade e da subjetividade, que circunscrevem as vivências e operações sócio-culturais dos policiais militares.

Este texto é um esforço de suscitar reflexões para a construção de uma pesquisa de doutorado que encontra-se em seu estágio inicial. Assim, o leitor não será apresentado a resultados e dados de pesquisa, mas convidado a questionar, de maneira exploratória, sobre as possíveis tensões na forma como os policiais dominam o conhecimento que orienta a atividade militar e o potencial desta atividade para habilitá-los a lidar com certas emoções em um contexto de tratamento do alcoolismo e outras drogas. O tratamento a qual me refiro ocorre no Centro de Reabilitação Renascer, localizado no Hospital Central da Polícia Militar (Rio de Janeiro). Desta maneira, a pesquisa em construção busca compreender de que maneira a condição de um policial em tratamento contraria certo *ethos* policial militar³, que reforça o desempenho emocional através da inibição de emoções (como dor, sofrimento e descontrole), sucumbindo a fachadas tão temidas de onipotência e vulnerabilidade.

Desta forma, esta escrita é um esforço, ainda que preliminar, de pensar a avaliação técnico-moral do sofrimento entre os policiais militares de modo a compreender em que medida a retórica do controle emocional é difundida entre os mesmos como linguagem fundamental para eficácia das atividades militares. É importante frisar que não pretendo localizar as gramáticas morais e emocionais como campos opostos, mas situar seus entremeios e refletir sobre como os sujeitos organizam suas vidas transitando em seus pontos de borramento.

Segundo Muniz (1999), o dito *ethos* policial militar

encontra-se cuidadosamente inscrito no gestual dos policiais, no modo como se expressam, na distribuição do recurso à palavra, na forma de ingressar socialmente nos lugares, no jeito mesmo de interagir com as pessoas... (MUNIZ, 1999. p. 89).

Em todas as esferas pessoais circunscritas por este *ethos*, é possível perceber características como “firmeza”, “impessoalidade” e “objetividade” ordenando e organizando as ações dos policiais. Assim, se por um lado, o “fazer ostensivo da polícia” e o *ethos* que permeia este tipo de ocupação profissional, pressupõe que os sujeitos operem de maneira a administrar seus estados emocionais diante de “situações que envolvem todo tipo de sentimento, como ódio, indignação, fúria, desprezo e medo...” (MUNIZ, 1999, p. 171), por outro, o Centro de Reabilitação Renascer parece configurar

³ Quando me refiro ao *ethos* policial militar, estou adotando a definição de Graeff (2006) que alinha a “cultura policial” (a *cop culture* da literatura internacional) às dimensões específicas da emocionalidade e da subjetividade, que circunscrevem as vivências e operações sócio-culturais dos policiais militares.

o espaço no qual este *ethos* é suspenso ainda que provisoriamente. Isto é, trata-se de um espaço de ressignificação de certa pedagogia moral da polícia militar.

Nos termos de Viviane Despret (2011), o Renascer é um espaço que estimula a “experiência de transbordamento” (DESPRET, 2011, p. 37), uma vez que permite ao sujeito “pensar e negociar as relações consigo mesmo, com os outros e com o mundo”. Transbordar, neste caso, possibilitaria aos policiais qualificarem suas emoções como sujeitos passíveis de vulnerabilidades, contrariando, à grosso modo, o refrão do hino da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro⁴:

Ser Policial
É, sobretudo, uma razão de ser.
É enfrentar a morte,
mostrar-se um forte
no que acontecer.

O Centro de Reabilitação Renascer, criado em 1992, oferece atendimento ambulatorial, internação de desintoxicação e atividades terapêuticas para integrantes das forças militares e auxiliares portadores de dependência química. A reabilitação combina a política de redução de danos (RD), que atenta para a minimização dos agravos ocasionados pela droga com a finalidade de melhorar a qualidade de vida do usuário sem que ele tenha que se abster do uso/consumo da droga, com o programa dos Doze Passos e as Dozes Tradições⁵ dos grupos de Alcoólicos Anônimos. Estes grupos, por outro lado, priorizam a abstinência e valorizam a prática do autoexame (denominada *partilha*) que permite aos membros dimensionarem suas perdas físicas, emocionais e relacionais decorrentes do *uso abusivo* de bebidas alcoólicas. A partir disto, é possível perceber que o Centro oferece múltiplas possibilidades de tratamento, que variam entre a perspectiva universalizante da biomedicina (perceptível nas medidas de internação, medicação e atendimento ambulatorial) e atividades terapêuticas dos grupos anônimos, que muito se aproximam da literatura de autoajuda (SALEM, 1992).

A dinâmica de tratamento desenvolvida no Centro de Reabilitação reserva espaço para os policiais elaborarem através de narrativas autorreferenciadas suas percepções acerca da dependência química e as consequentes interseções com a atividade militar. Em virtude disto, a metodologia desenvolvida ao longo da pesquisa

⁴ Retirado da dissertação de mestrado “A supervisão psicanalítica na universidade e a instituição polícia militar: o relato de uma experiência.” (2018) de Fernanda Samico.

⁵ Disponível em: <<http://www.alcoolicosanonimos.org.br>>. Acesso em 4 de junho de 2019.

não contará apenas com a observação do espaço físico do Centro e de toda materialidade que ali circula, mas sobretudo com a atenção aos atos de fala dos sujeitos dispostos a atribuir sentido e significado à experiência do uso de drogas e do próprio tratamento no qual se encontram. Isto porque entende-se que a partir do acesso à fala e à construção de ideias dos interlocutores, serão mais facilmente verificáveis as confluências entre a moral do *ethos* policial militar e as emoções em torno da ocupação profissional.

Todavia, uma questão coloca-se em evidência quando priorizada a análise das falas dos interlocutores: a interferência do tempo e do contexto a partir dos quais as narrativas são produzidas. O processo de recompor fatos e atribuir sentido às experiências do passado, exige de nós pesquisadores a compreensão de que as memórias do vivido são atravessadas por experiências do presente. Nos termos de Walter Benjamin (1994), este movimento de fala pode ser interpretado como uma comunicação informativa porque se debruça sobre o passado com ambição (falaciosa) de recompor os *fatos em si*.

Ainda sobre a elaboração de narrativas em um contexto de tratamento de dependência química, Rui chama atenção para o fato de que narrativas que remetem a trajetórias perpassadas pela adicção,

“(…) só podem ser compreensíveis – e até mesmo possíveis – quando se observa mais atentamente o contexto institucional da clínica e o formato das reuniões que incentivam e promovem uma forma específica de selecionar fatos de uma trajetória com ‘drogas’ que, apesar do rumo que tomou, nem sempre foi dolorosa.” (RUI, 2010, p. 61)

*

Como mencionado anteriormente, este texto tem a proposta de suscitar reflexões para a construção de uma pesquisa de doutorado. Esta pesquisa inscreve-se no campo da Antropologia Social a partir de três eixos analíticos: saúde, moral e emoções, e atenta para as tensões entre a produção de moralidades e a linguagem das emoções na atividade policial militar. O primeiro eixo nos auxilia a pensar as representações e os discursos sobre a dependência química. Como sugere Rui (2014), pensar o uso/consumo de drogas somente a partir de seus efeitos nos impede de refletir acerca da produção de corpos e da valoração moral incutidas na realidade da dependência. Assim, considera-se pertinente problematizar o que é (e como é), para o próprio sujeito, ser um policial militar dependente de álcool e/ou outras drogas. Em outras palavras, quais os efeitos que a categoria de “dependente químico”, proposta pelo enquadramento do Centro de

Reabilitação, desperta para a própria produção e percepção da Pessoa (MAUSS, 2017) policial militar?

Ainda no campo da saúde, esta pesquisa dialoga com a realidade burguesa e capitalista emergente no século XIX, que segundo Foucault (1975), fez da medicina o denominador comum na política do corpo. Utilizando-se do seu saber-poder, a medicina regula e disciplina o corpo a partir de um controle minucioso de seus movimentos. Deste modo, a disciplinarização do corpo, que coloca os indivíduos em uma relação de sujeição, sustenta o controle e a vigilância sobre os mesmos. No que diz respeito aos interlocutores desta pesquisa, chama atenção como a disciplina é um elemento estruturante do *ethos* policial militar considerado fundamental para a destreza na execução das atividades profissionais.

Não à toa, como apontado por Foucault (1975), a partir da segunda metade do século XVIII, o soldado passa a ser percebido como um produto que se fabrica a começar pela correção das posturas e do cálculo minucioso de cada parte de seu corpo. Neste caso, o corpo humano passa a ser alvo e elemento fundamental de um maquinário de poder que faz emergir o que Foucault denomina de anatomia política. O produto elementar deste maquinário é o corpo submisso e dócil, “que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 1975, p. 118) em função da sua maior rentabilidade e desenvoltura no trabalho.

O segundo eixo analítico (moral) tangencia os dilemas morais presentes na distribuição e no próprio consumo de drogas (ilícitas ou lícitas) entre os policiais. Porém, é importante esclarecer que a pesquisa privilegiada a categoria moral enquanto um modo de avaliação dos policiais sobre suas próprias ações, bem como, a avaliação moral das ações de outrem e da própria instituição policial. Segundo Werneck (2013), esta utilização da categoria moral é especialmente relevante por privilegiar “a utilização da agência do agente e da agência da estrutura não como disposições e sim como *dispositivos*, mobilizáveis conforme as gramáticas situadas da vida social os mostrem necessários e cabíveis” (WERNECK, 2013, p. 704). Ademais, como salientado Rui (2010, p. 52), com a emergência do grupo Alcoólicos Anônimos em 1935 (influyente no tratamento proposto pelo Centro de Reabilitação) a problemática em torno da “adicção” deslocou-se da substância para a questão da vulnerabilidade de determinados grupos sociais. E o tema da adicção passou a ser associado e atrelado a certos sistemas de acusação e conseqüentemente a toda moralidade neles implicada.

No campo da moral, a categoria de “desvio” (BECKER, 2008), por exemplo, nos permite questionar se as normas e regras fundantes do *ethos* policial militar, provocam os sujeitos a procurarem estratégias individuais (como o *uso abusivo* de álcool e outras drogas), não sancionadas pelos valores consensuais do mundo militar. O cenário composto por policiais militares em tratamento de dependência química nos inclina a questionar ainda o que sustenta a linha tênue que distingue o policial de todo o “resto” social (classificado como imoral, desviante e ilegal), o qual seu ofício o instrui a reprimir e dissuadir.

Neste caso, se por um lado, os policiais ocupam o papel de “empreendedores morais” (BECKER, 2008, p. 153), responsáveis por garantir a manutenção da ordem no espaço público, por outro, o índice de dependência química entre esse mesmo grupo (fato que contribuiu para a criação do Centro de Reabilitação), indica a ocorrência de um movimento pendular neste rótulo de desvio, que por vezes pode inclinar em direção aos próprios policiais. Ocupar o papel desta figura conflitante que transita ora como regulador do desvio, ora como desviante, certamente produz consequências decisivas na formação da autoimagem do indivíduo. Atenta à isto, a pesquisa dedica-se a compreender como os policiais interpretam estes conflitos morais e elaboram suas emoções ao longo do tratamento no Centro.

A partir dos 1980, o campo da antropologia das emoções (terceiro eixo de concentração desta pesquisa) passou por um processo de revitalização, expandindo-se para além das fronteiras que a qualificam apenas como um domínio somático, anti-racional e subjetivo da vida (ABU-LUGHOD & LUTZ, 1990; BONET, 2008; REZENDE & COELHO, 2010). Em consonância com este processo de revitalização, a pesquisa insere-se na discussão em torno da emergência das emoções como canal fecundo para a compreensão de macro-relações hierárquicas e de poder (COELHO, 2010), que estruturam o *ethos* policial militar e o seu “fazer ostensivo” na vida pública. Assim, a partir das emoções relatadas e elaboradas individualmente pelos policiais em tratamento, especula-se ser possível acessar os aspectos morais que fomentam suas atividades no espaço público da cidade.

É fundamental considerar que o Centro de Reabilitação insere-se nesta discussão como um espaço que estimula a exploração das emoções como uma competência positiva para a própria eficácia do tratamento da dependência química. O processo de socialização que ocorre no interior do Centro, cria um ambiente que incentiva o

transbordamento de emoções engendradas pelo seu próprio contexto de discursividades (depoimentos individuais, rodas de conversa) que operam enquanto método terapêutico. No entanto, é importante considerar que esta centralidade na exploração individual das emoções estabelece uma quebra com a retórica do autocontrole emocional profundamente valorizada pelo *ethos* policial militar. Deste modo, a questão que se coloca é a do controle das emoções (ELIAS, 1993, p. 201). O “fazer ostensivo” dos policiais supõe o controle de determinadas emoções consideradas “perigosas” para o desempenho e desenvoltura das atividades no espaço público. O perigo, neste sentido, está no *excesso* de emoções que poderia ocasionar tanto a paralisia e uma eventual incapacidade de reação quanto um comportamento violento e desmedido (BEN-ARI, 1998).

Segundo Bonet (1999), na prática biomédica os profissionais de saúde experimentam uma *tensão estruturante*, que submete os sujeitos a “uma posição dividida entre o que devem saber e o que sentem ao ‘fazer’” (BONET, 1999, p. 125). A análise desta tensão torna-se ainda mais fundamental no instante em que o saber biomédico depara-se com a adoção de outro campo de tratamento, o terapêutico. Assim, o duplo viés (biomédico e terapêutico), desenvolvido no Centro de Reabilitação, convoca-nos a questionar como os profissionais de saúde lidam e interpretam a tensão entre o “saber e sentir” destas práticas quando conjugadas para tratamento dos policiais.

Em resumo, alguns assuntos, por ora, demonstram-se fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa: as contingências de produção de pesquisa em campos perpassados por condições materiais de dor, estresse e vulnerabilidade (ARAÚJO, 2014; FREIRE, 2011); os jogos de reconhecimento e invisibilidade de emoções que ordenam determinados contextos (COELHO, 2010; COELHO & CLÁUDIA, 2011); os enquadramentos morais que condicionam as normas de reconhecimento de certos grupos sociais na contemporaneidade (BUTLER, 2015); as representações da dependência química e os estigmas produzidos em torno desta condição (RUI, 2014, GOOFMAN, 2012 ; VARGAS, 1998); a relação entre o corpo, a medicina e o Estado (FOUCAULT, 1975).

Os recortes temáticos produzidos no campo dos estudos policiais (FRANCA, 2015; MUNIZ, 1999; MEDEIROS, 2018; VIEIRA, 2011) priorizam sobremaneira a discussão em torno dos valores institucionais da PMERJ, seu modelo organizacional e o processo de formação de seus profissionais. No que diz respeito a figura do policial militar e os desdobramentos pessoais desse ofício, é a Psicologia Social que assume em

grande medida a produção científica sobre o tema (SAMICO, 2018; BRAND, 2014). Considerando esta defasagem, a presente pesquisa busca contribuir especificamente para complementar a bibliografia sobre os estudos policiais, segundo uma ótica antropológica e sociológica que capture como o policial militar elabora suas emoções, produz suas subjetividades e particulares circunscrito pelo *ethos* do mundo militar. Isto é, almeja-se deslocar o foco argumentativo concentrado no modelo militar de organização/instituição para a Pessoa (MAUSS, 2017) policial militar.

Ao centralizar a pesquisa em torno da Pessoa, abre-se espaço para a análise de dados que, de longa data, apontam para o alto índice de suicídio, alcoolismo e uso de drogas ilícitas em diversas organizações policiais (MEHLAN, 1999; SOUZA & SCHENKER & CONSTANTINO & CORREIRA, 2012). De acordo com o boletim “Notificações de Mortes Violentas Intencionais entre profissionais de Segurança Pública no Brasil”⁶ (MIRANDA *et al.*, 2020), policiais são os profissionais mais vitimados pelo suicídio em comparação a outras categorias de risco. Ainda segundo o boletim, fatores individuais como depressão, uso de álcool e outras drogas podem apresentar relação com o estresse ocupacional dos policiais.

Para além do campo específico dos estudos sobre o mundo policial militar, a pesquisa atenta para a construção de uma “ótica epistemologicamente positiva” (VARGAS, 1998, p. 131) sobre o uso/consumo de drogas lícitas e ilícitas. Este posicionamento epistemológico nos permite produzir conhecimento sobre a dependência química de maneira a não condicionar ou limitar os sujeitos ao vício, mas tratar desta realidade como uma experiência acionada por homens e mulheres portadores de desejos, anseios e medos. Esta mesma ótica epistemológica é potencialmente positiva quando nos auxilia a posicionar determinados grupos sociais, como os policiais militares, dentro de um quadro de vulnerabilidade humana, de modo a desconstruir e desmistificar determinadas atribuições morais comumente associadas ao mundo militar.

Em suma, a pesquisa em construção intenta contribuir, de forma mais ampla, para a discussão em torno da formação de trajetórias individuais que resvalam em estados de fragilidade, hostilidade, insegurança, e que, a grosso modo, iluminam a

⁶ Boletim Ippes 2020. Disponível em <https://ippesbrasil.com.br/wp-content/uploads/2020/09/Boletim-IPPEES-2020-Notifica%C3%A7%C3%A3o-de-Mortes-Violentas-Intencionais-entre-Profissionais-de-Seguran%C3%A7a-P%C3%BAblica-no-Brasil-ERRATA.pdf>

maneira como os sujeitos reagem à condição fragmentária do viver na contemporaneidade (LE BRETON, 2018; BEZERRA, 2002). A partir disto, abre-se um caminho de pesquisa e construção de pensamento na direção de apreender a própria dependência química como uma experiência ativada por sujeitos que saturados de responder às exigências de adesão total, abnegação e entrega ao ofício, encontram nas drogas (lícitas ou ilícitas) a possibilidade de “um afastamento do eu, um abandono temporário daquela preocupação reflexiva com a proteção da autoidentidade, genérico à maior parte das instituições da vida cotidiana” (GIDDENS, 1993, p. 85).

Referências Bibliográficas

- ABU-LUGHOD, Lila. Introduction: emotion, discourse, and the politics of everyday life. In: Lila Abu-Lughod; C. Lutz, C. *Language and the Politics of Emotion*. New York: Cambridge University Press, 1990.
- ARAÚJO, Fábio. “Memórias das dores, memórias dolorosas: alguns registros” In: *Das técnicas de fazer desaparecer corpos*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.
- BECKER, Howard. *Outsiders*. Estudos de Sociologia do Desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BEN-ARI, Eyal. *Mastering Soldiers – conflict, emotions, and the enemy in an Israeli military unit*. New York: Berghahn Books, 1998.
- BENJAMIN, Walter. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221 (Escrito em 1936 sob o título Der Erzähler: Betrachtungen zum Werk Nikolai Lesskows).
- BEZERRA Jr, Benilton. (2002), O ocaso da interioridade e suas repercussões sobre a clínica. In *Transgressões*. C. A. Plastino. Rio de Janeiro, Contra capa: 229-238.
- BONET, Octavio. “Saber e Sentir. Uma etnografia da Aprendizagem da Biomedicina” *PHYSIS: Revista Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 9(1): 123-150, 1999.
- _____. “Emoções e sofrimento nas consultas médicas. Implicações de sua irrupção”. *Teoria e Cultura*, vol. 1/nº 1, janeiro/junho 2006.
- _____. “A flor da pele”. Conferência proferida no PPCIS/UERJ, 2008 (mimeo).
- BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- BRAND, Aniele. *O processo de formação identitária e a incorporação, inculcação e encarnação do habitus militar: um estudo etnográfico na PMSC*. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina (PPGP,UFCS), 2014.
- COELHO, Maria Claudia. 2010a. *As emoções e a ordem pública: uma investigação sobre modelos teóricos para a análise socioantropológica das emoções*. Trabalho apresentado na 27ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de agosto de 2010, Belém, Pará, Brasil.

- DESPRET, Vinciane. (2011) “*As ciências da emoção estão impregnadas de política? Catherine Lutz e a questão do gênero das emoções.*” *Fractal: Revista de Psicologia*, vol. 23, nº1.
- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador. Formação do Estado e Civilização*. Vol II. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1984b (4ª edição).
- FRANÇA, Fabio. *Humanização disciplinada: um estudo sobre relações de poder na formação policial militar*. Bauru, n.4, p. 157-180, jun. 2015.
- FREIRE, Jussara. “Quando as emoções dão forma às reivindicações”, 2011. IN: Maria Claudia COELHO e Claudia REZENDE. *Cultura e Sentimento: ensaios em antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: Contra capa;
- GIDDENS, Anthony. 1993. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Ed. UNESP.
- GOOFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ltc, 2012.
- GRAEFF, Beatriz. *O policial militar em tempos de mudança: ethos, conflitos e solidariedade na Polícia Militar do Estado de São Paulo*. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília (ICS-DAN-PPGAS), 2006.
- LE BRETON, D. *Desaparecer de si: uma tentação contemporânea*. Rio de Janeiro: Vozes, 2018.
- LUTZ, Catherine & WHITE, Geoffrey. *The Anthropology of Emotions*. *Review of Anthropology*, vol. 15 (1986), pp. 405-436.
- _____. *Unnatural Emotions: everyday sentiments on a Micronesian atoll and their challenge to western theory*. Chicago: University of Chicago, 1988.
- MAUSS, Marcel. 2017 [1938]. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, Ubu Editora.
- _____. [1921]. *A expressão obrigatória dos sentimentos: funerais orais funerários australianos*. In: _____ *Ensaio de sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 2005. pp. 325-35.

MEDEIROS, Flavia. “Linhas de investigação”: técnicas e moralidades policiais na gestão de mortos na região metropolitana do Rio de Janeiro. *Revista de Antropologia da UFSCar*, 10(1), jan./jun. 2018: 238-256.

MEHLAN, Katty. *Alcoolismo e a Polícia Militar: a constituição do programa de prevenção e recuperação da dependência química*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Santa Catarina (Departamento de Serviço Social), 1999.

MIRANDA, Dayse; CRUZ, Fernanda Novaes; FONTE, Mariana da; NAPOLIÃO, Paula; PEREIRA, Tatiana Guimarães Sardinha. CERATTI, Nathalia Fallavena. Boletim IPPES 2020: Notificação de Mortes Violentas Intencionais entre Profissionais de Segurança Pública no Brasil. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa, Prevenção e Estudos em Suicídio (IPPES), 2020.

MUNIZ, Jacqueline. “*Ser policial é, sobretudo, uma razão de ser*”. *Cultura e Cotidiano da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro*. Tese de doutorado. Universidade de Pesquisas do Rio de Janeiro, 1999.

REZENDE, Claudia Barcellos e COELHO, Maria Claudia. *Antropologia das Emoções*. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

RUI, Taniele. *Nas tramas do crack. Etnografia da abjeção*. São Paulo: Terceiro Nome, 2014.

_____. *A inconstância do tratamento: No interior de uma comunidade terapêutica*. Dilemas: Revista de Estudos de Conflitos e Controle Social - vol. 3 – no 8 – ABR/MAI/JUN 2010- pp.45-73.

SALEM, Tania. *Manuais modernos de auto-ajuda: uma análise antropológica sobre a noção de pessoa e suas perturbações*. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro: Instituto de Medicina Social, 1992b. 36 p. (Série Estudos em Saúde Coletiva, v.7).

SAMICO, Fernanda. *A supervisão psicanalítica na universidade e a instituição polícia militar: relato de uma experiência*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IP-Programa de Pós-graduação em Psicanálise), 2018.

SOUZA, Edinilsa & SCHENKER, Miriam & CONSTANTINO, Patrícia & CORREIRA, Bruna. *Consumo de substância lícitas e ilícitas por policiais cidade do Rio de Janeiro*. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(3):667-676, 2013.

VARGAS, Eduardo Viana. *Os corpos intensivos: sobre o estatuto social do consumo de*

drogas legais e ilegais. (1998) In: *Doença, Sofrimento, Perturbação: perspectivas etnográficas*. Luiz Fernando Dias Duarte e Ondina Fachel Leal (orgs.) *Perspectivas etnográficas*. Fiocruz, Rio de Janeiro.

VIEIRA, Fagner. *Diversidade e produção de estereótipos: Um estudo etnográfico da formação e atuação do soldado policial militar em Roraima*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Amazonas (PPSAS), 2011.

WERNECK, Alexandre. “*Sociologia da moral como sociologia da agência*”. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 12, n. 36, pp. 704-718, 2013.